

EXECUTIVOS

O que é uma escola de negócios com "qualidade"?

Agências internacionais que fazem acreditação de cursos estão a mudar os seus critérios – para incluir a digitalização, a sustentabilidade e a igualdade de género

Samuel Silva

Quando a pandemia começou, Caryn Beck-Dudley dirigia a Leavey School of Business, em Santa Clara, em Silicon Valley (EUA). A escola já tinha programas de formação à distância, mas muitos professores diziam "que nunca iriam ensinar *online*". A suspensão das actividades presenciais por causa da covid-19 acabaria por impor a mudança. "Em três semanas, estavam a dar aulas *online* e as coisas correram bem."

A transição da formação executiva para os ambientes digitais já estava em curso, "mas a pandemia veio acelerar essa transformação", prossegue Beck-Dudley, que é hoje CEO da Association for Advance Collegiate Schools of Business (AACSB), que entrega o mais antigo "selo" de qualidade para escolas de negócios, instituído nos EUA em 1916. O desafio é, agora, que o sistema de acreditação possa reflectir estas mudanças.

Noutro ponto do globo, em Fevereiro de 2020, 25 *deans* (directores de escola) de todo o mundo tinham acabado de criar uma *task force* para a digitalização das escolas de negócios. Estavam reunidos em Milão para discutir o assunto, quando a cidade se tornou o primeiro epicentro europeu da covid-19. O debate tornou-se premonitório.

"Todas as escolas, estivessem ou não preparadas, forçadas pelas circunstâncias ou por sua vontade, chegaram à mesma conclusão: podemos fazer algo diferente", afirma Alfons Sauquet, director do Equis, o sistema de acreditação congénere do AACSB, nascido na Europa, em 1972.

A transição digital acelerada pela pandemia encontrou um mundo

onde "os alunos podem ir ao YouTube e encontrar aulas de alguns dos melhores professores do mundo", diz Caryn Beck-Dudley, o que implicará "uma mudança no papel do professor: já não tem de ser o especialista no assunto, mas o mentor, que ajuda os estudantes a entender as matérias".

As escolas de negócios poderão, por exemplo, passar a reconhecer "percursos mais personalizados", admite Sauquet. "Pode ser possível um aluno não fazer um currículo rígido, mas uma trajectória individual, no final da qual tenha o mesmo diploma que outra pessoa que fez uma trajectória diferente", acrescenta.

Mudanças como estas implicam alterações nos critérios de aferição da qualidade que estes sistemas de acreditação têm em prática, uma discussão que está a ser tida neste momento. Tanto a AACSB como a EFMD, a organização europeia que atribui o Equis, são associações de escolas de negócios, que funcionam num sistema de regulação entre pares, sem intervenção governamental.

Os processos são semelhantes. Cada escola de negócios candidata à acreditação passa por um processo de aconselhamento, feito por outros *deans* ou *ex-deans*, e tem de responder a um conjunto de critérios financeiros e de qualificação do corpo docente, por exemplo. Mas há diferenças: enquanto o Equis assenta mais em aspectos qualitativos, a AACSB é mais exigente em termos quantitativos – "é como uma auditoria", explica Caryn Beck-Dudley.

O Equis e o AACSB são dois dos três sistemas de acreditação que completam a chamada "tripla coroa", o grau máximo de distinção a que almejam as escolas de negócios – que três instituições nacionais possuem. É outor-



A Nova School of Business and Economics é uma das portuguesas com o selo das três agências

"Tripla coroa"

As duas escolas de negócios da Universidade Católica (Lisboa e Porto), e a Nova School of Business and Economics (SBE), em Cascais, são as três instituições nacionais que ostentam a chamada "tripla coroa", que resulta da combinação do reconhecimento pelas agências de acreditação de MBA e formação executiva da Europa, Reino Unido e EUA. É o grau máximo de distinção para uma escola de negócios.

O "selo" mais difícil de conseguir é o europeu Equis, da EFMD. O Instituto Superior de Economia e Gestão da Universidade de Lisboa e a Porto Business School têm também este selo, bem como o da norte-americana Association for Advance Collegiate Schools of Business. Por fim, da lista da Association of MBA (AMBA), sediada em Londres, consta ainda a AESE Business School, de Lisboa.

gada pela AMBA – Association of MBAs, sediada em Londres e fundada em 1967.

Reflexões como as que a pandemia e a transição digital impuseram às escolas de negócios e aos sistemas de acreditação não são novas. Um "selo" como o Equis nasceu para promover a "melhoria da qualidade contínua nas escolas de negócios", explica Sauquet. Quando uma instituição é acreditada, não é apenas reconhecida a sua qualidade naquele momento, mas "compromete-se também com os princípios de melhoria contínua" e tem de prestar contas a cada dois ou três anos.

Por isso, os próprios sistemas de acreditação funcionam muitas vezes como catalisadores de mudanças. A partir de 2014, por exemplo, a EFMD passou a exigir que as escolas por si acreditadas subscrevessem um compromisso ético e de sustentabilidade. Foi o primeiro passo para que muitas escolas pusessem esse tema na agenda. Esse compromisso vai ser agora reforçado.

"Deve haver um patamar claro de compromisso com a sustentabilidade em todas as escolas Equis", diz Sauquet. Assim, as escolas terão também de apresentar "indicadores claros" ao nível dos resultados dos cursos e

seminários sobre sustentabilidade que constam da sua oferta, bem como ao nível da investigação sobre o assunto. Haverá uma outra exigência: as escolas de negócios têm de ter uma voz activa sobre a sustentabilidade.

Outra discussão "que vai ser preciso ter" prende-se com a inclusão e a diversidade dentro das escolas de negócios, observa Alfons Sauquet. Muitos dos avaliadores do sistema de acreditação europeu têm reportado que "é preciso fazer alguma coisa sobre a igualdade de género. É um aspecto que estamos a começar a abordar formalmente." Ainda que as mulheres sejam "40% a 45% dos estudantes" nas escolas de negócios na Europa e nos EUA, estão "sub-representadas nas posições de chefia", acrescenta Caryn Beck-Dudley, da AACSB.

O sistema de acreditação americana exige hoje a todas as escolas de negócios da sua rede "um plano de diversidade", que responda a questões como o género, a diversidade étnica ou o estatuto socioeconómico dos alunos. No final do ano, organiza uma conferência internacional sobre o tema em Atlanta, de onde devem sair novas directrizes para o seu modelo de avaliação nos próximos anos.